

***Os Espíritos
diante da
Morte***

“E, quanto ao fato de que os mortos vão ressuscitar, vocês não leram, no livro de Moisés, a passagem da sarça ardente? Deus falou a Moisés: 'Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó'. Ora, ele não é Deus de mortos, mas de vivos! Vocês estão muito enganados”.

Marcos 12,26-27

**Há duas situações para o “cara-a-cara”
com a morte:**

**a nossa e
a dos outros,**

**ou seja, nós diante de nossa própria
morte e nós diante da morte dos
outros.**

Tópicos:

- **medo da morte**
- **morte natural**
- **morte após longo período de doença x morte rápida**
- **morte por acidentes**
- **morte de parentes próximos**
- **mortes de crianças e jovens**
- **morte por suicídio**
- **aborto**
- **eutanásia**
- **cremação**
- **pessoas que colocam a vida em risco**
- **velório**
- **pena de morte**
- **doação de órgãos**

Medo da Morte



Quando, por alguns minutos, só alguns minutos porque recusamos a pensar sobre o assunto por muito tempo, paramos para pensar na morte, percebemos que ela é um tormento para a maioria de nós, que muito embora, afirmamos acreditar que a vida continua, não queremos largar mão dessa vida que aqui estamos gozando de jeito nenhum.

Nós espíritas, de uma maneira geral, não colocamos em prática o que aprendemos. Não há nenhuma outra religião que deixa tão claro essa questão quanto o Espiritismo. Temos conhecimento que a vida não se acaba no túmulo, mas mesmo assim, trememos diante da morte.

941. *Para muitas pessoas, o temor da morte é uma causa de perplexidade, donde lhes vêm esse temor, tendo elas diante de si o futuro?*

“Falece-lhes fundamento para semelhante temor. Mas, que queres! Se procuram persuadi-las, quando crianças, de que há um inferno e um paraíso e que mais certo é irem para o inferno, visto que também lhes disseram que o que está na Natureza constitui pecado mortal para a alma! Sucede então que, tornadas adultas, essas pessoas, se algum juízo têm, não podem admitir tal coisa e se fazem atéias, ou materialistas. São assim levadas a crer que, além da vida presente, nada mais há. Quanto aos que persistiram nas suas crenças da infância, esses temem aquele fogo eterno que os queimará sem os consumir.

“Ao justo, nenhum temor inspira a morte, porque, com a fé, tem ele a certeza do futuro. A *esperança* fá-lo contar com uma vida melhor; e a *caridade*, a cuja lei obedece, lhe dá a segurança de que, no mundo para onde terá de ir, nenhum ser encontrará cujo olhar lhe seja de temer.”

Explica Kardec:

O homem carnal, mais preso à vida corpórea do que à vida espiritual tem, na Terra, penas e gozos materiais. Sua felicidade consiste na satisfação fugaz de todos os seus desejos. Sua alma, constantemente preocupada e angustiada pelas vicissitudes da vida, se conserva numa ansiedade e numa tortura perpétuas. A morte o assusta, porque ele duvida do futuro e porque tem de deixar no mundo todas as suas afeições e esperanças.

O homem moral, que se colocou acima das necessidades factícias criadas pelas paixões, já neste mundo experimenta gozos que o homem material desconhece. A moderação de seus desejos lhe dá ao Espírito calma e serenidade. Ditoso pelo bem que faz, não há para ele decepções e as contrariedades lhe deslizam por sobre a alma, sem nenhuma impressão dolorosa deixarem.

Mas o que é a morte?

Seria o fim de tudo?

Ou o começo de uma nova etapa?



© E. S. Perini







158. *O exemplo da lagarta que, primeiro, anda de rastos pela terra, depois se encerra na sua crisálida em estado de morte aparente, para enfim renascer com uma existência brilhante, pode dar-nos idéia da vida terrestre, do túmulo e, finalmente, da nossa nova existência?*

“Uma idéia acanhada. A imagem é boa; todavia, cumpre não seja tomada ao pé da letra, como freqüentemente vos sucede.”

Perturbação espiritual

163. *A alma tem consciência de si mesma imediatamente depois de deixar o corpo?*

“Imediatamente não é bem o termo. A alma passa algum tempo em estado de perturbação.”

164. *A perturbação que se segue à separação da alma e do corpo é do mesmo grau e da mesma duração para todos os Espíritos?*

“Não; depende da elevação de cada um. Aquele que já está purificado, se reconhece quase imediatamente, pois que se libertou da matéria antes que cessasse a vida do corpo, enquanto que o homem carnal, aquele cuja consciência ainda não está pura, guarda por muito mais tempo a impressão da matéria.”

165. *O conhecimento do Espiritismo exerce alguma influência sobre a duração, mais ou menos longa, da perturbação?*

“Influência muito grande, uma vez que o Espírito já antecipadamente compreendia a sua situação. Mas, a prática do bem e a consciência pura são o que maior influência exercem.”

Comenta Kardec:

Por ocasião da morte, tudo, a princípio, é confuso. De algum tempo precisa a alma para entrar no conhecimento de si mesma. Ela se acha como que aturdida, no estado de uma pessoa que despertou de profundo sono e procura orientar-se sobre a sua situação. A lucidez das idéias e a memória do passado lhe voltam, à medida que se apaga a influência da matéria que ela acaba de abandonar, e à medida que se dissipa a espécie de névoa que lhe obscurece os pensamentos.

Muito variável é o tempo que dura a perturbação que se segue à morte. Pode ser de algumas horas, como também de muitos meses e até de muitos anos. Aqueles que, desde quando ainda viviam na Terra, se identificaram com o estado futuro que os aguardava, são os em quem menos longa ela é, porque esses compreendem imediatamente a posição em que se encontram.

Comenta Kardec:

Aquela perturbação apresenta circunstâncias especiais, de acordo com os caracteres dos indivíduos e, principalmente, com o gênero de morte. Nos casos de morte violenta, por suicídio, suplício, acidente, apoplexia, ferimentos, etc., o Espírito fica surpreendido, espantado e não acredita estar morto. Obstinadamente sustenta que não o está. No entanto, vê o seu próprio corpo, reconhece que esse corpo é seu, mas não compreende que se ache separado dele. Acerca-se das pessoas a quem estima, fala-lhes e não percebe por que elas não o ouvem. Semelhante ilusão se prolonga até ao completo desprendimento do perispírito. Só então o Espírito se reconhece como tal e compreende que não pertence mais ao número dos vivos. Este fenômeno se explica facilmente. Surpreendido de improviso pela morte, o Espírito fica atordoado com a brusca mudança que nele se operou; considera ainda a morte como sinônimo de destruição, de aniquilamento. Ora, porque pensa, vê, ouve, tem a sensação de não estar morto. Mais lhe aumenta a ilusão o fato de se ver com um corpo semelhante, na forma, ao precedente, mas cuja natureza etérea ainda não teve tempo de estudar. Julga-o sólido e compacto como o primeiro e, quando se lhe chama a atenção para esse ponto, admira-se de não poder palpá-lo.

Comenta Kardec:

Esse fenômeno é análogo ao que ocorre com alguns sonâmbulos inexperientes, que não crêem dormir. É que têm sono por sinônimo de suspensão das faculdades. Ora, como pensam livremente e vêem, julgam naturalmente que não dormem. Certos Espíritos revelam essa particularidade, se bem que a morte não lhes tenha sobrevindo inopinadamente. Todavia, sempre mais generalizada se apresenta entre os que, embora doentes, não pensavam em morrer. Observa-se então o singular espetáculo de um Espírito assistir ao seu próprio enterramento como se fora o de um estranho, falando desse ato como de coisa que lhe não diz respeito, até ao momento em que compreende a verdade.

Comenta Kardec:

A perturbação que se segue à morte nada tem de penosa para o homem de bem, que se conserva calmo, semelhante em tudo a quem acompanha as fases de um tranqüilo despertar. Para aquele cuja consciência ainda não está pura, a perturbação é cheia de ansiedade e de angústias, que aumentam à proporção que ele da sua situação se compenetra.

Nos casos de morte coletiva, tem sido observado que todos os que perecem ao mesmo tempo nem sempre tornam a ver-se logo. Presas da perturbação que se segue à morte, cada um vai para seu lado, ou só se preocupa com os que lhe interessam.

Morte Natural

Mesmo que no geral não se aceite muito a morte, mas quando essa ocorre por motivos naturais, principalmente por velhice, todos nós a aceitamos com maior tranqüilidade (desde que o morto não é nosso parente, é claro).

Quer queiramos ou não, tudo quanto tem vida passa obrigatoriamente pelo ciclo: nascer, crescer e morrer, por isso podemos concluir que a morte é um acontecimento absolutamente natural, fato que deveria nos levar a ter um comportamento bem diferente diante dela. Inclusive, diga-se de passagem, que é a coisa mais certa da vida, pela qual todos, sem nenhuma exceção, passarão por ela.

Morte por doença prolongada x morte rápida

Muitas vezes ouvimos as pessoas dizerem que determinada pessoa teve uma morte feliz porque teve uma morte rápida e não sentiu nada. Analisando do ponto de vista terreno sim, mas no ponto de vista espiritual não é bem assim, pois os espíritos que desencarnam por uma morte rápida acabam por ter sérios problemas de adaptação ao mundo espiritual, quando não continuam agindo como encarnados, já que para eles o fato de terem um corpo, não atinam que não é mais um corpo físico, pensam que ainda estão vivos. E, muitas vezes, negam mesmo aceitar que estão mortos.

Quando uma pessoa fica doente por longo período e ao final desencarna, ele, de uma certa forma, já está se preparando para esse fato, daí ser mais fácil sua adaptação no plano espiritual.

Morte por acidentes ou flagelos destruidores



Podemos dividi-la em duas espécies:

1ª) cuja causa não houve a participação do desencarnado; e

2ª) a que houve sua participação, como por exemplo: por negligência, por imprudência, etc.

No primeiro caso, acreditamos, que já constava da programação cármica do indivíduo, em função de algum débito perante as Leis Divinas. No segundo, à pessoa será imputada toda a culpa pelo ato, que, perfeitamente, poderá ser considerado um delito; é, de uma certa forma, um suicídio indireto.

Nesse ponto, também poderemos colocar as mortes coletivas, que tanto comovem as pessoas, valendo as mesmas considerações em relação à morte individual.

Sempre refletimos sobre as grandes calamidades onde morrem milhares de pessoas, a dúvida é: será que todos tinham compromissos que levaram a sofrer uma morte trágica? Se admitirmos que a morte, do ponto de vista espiritual, não significa muita coisa, pois apenas retira da prisão corporal o espírito, devolvendo-o à sua verdadeira pátria, por isso acreditamos que poderá ocorrer que alguns deles possam estar inocentes nessa história.

737. *Com que fim fere Deus a Humanidade por meio de flagelos destruidores?*

“Para fazê-la progredir mais depressa. Já não dissemos ser a destruição uma necessidade para a regeneração moral dos Espíritos, que, em cada nova existência, sobem um degrau na escala do aperfeiçoamento? Preciso é que se veja o objetivo, para que os resultados possam ser apreciados. Somente do vosso ponto de vista pessoal os apreciais; daí vem que os qualificais de flagelos, por efeito do prejuízo que vos causam. Essas subversões, porém, são freqüentemente necessárias para que mais pronto se dê o advento de uma melhor ordem de coisas e para que se realize em alguns anos o que teria exigido muitos séculos.”

738. *Para conseguir a melhora da Humanidade, não podia Deus empregar outros meios que não os flagelos destruidores?*

“Pode e os emprega todos os dias, pois que deu a cada um os meios de progredir pelo conhecimento do bem e do mal. O homem, porém, não se aproveita desses meios. Necessário, portanto, se torna que seja castigado no seu orgulho e que se lhe faça sentir a sua fraqueza.”

738, a) - Mas, nesses flagelos, tanto sucumbe o homem de bem como o perverso. Será justo isso?

“Durante a vida, o homem tudo refere ao seu corpo; entretanto, de maneira diversa pensa depois da morte. Ora, conforme temos dito, a vida do corpo bem pouca coisa é. Um século no vosso mundo não passa de *um relâmpago na eternidade*. Logo, nada são os sofrimentos de alguns dias ou de alguns meses, de que tanto vos queixais. Representam um ensino que se vos dá e que vos servirá no futuro. Os Espíritos, que preexistem e sobrevivem a tudo, formam o mundo real (85). Esses os filhos de Deus e o objeto de toda a Sua solicitude. Os corpos são meros disfarces com que eles aparecem no mundo. Por ocasião das grandes calamidades que dizimam os homens, o espetáculo é semelhante ao de um exército cujos soldados, durante a guerra, ficassem com seus uniformes estragados, rotos, ou perdidos. O general se preocupa mais com seus soldados do que com os uniformes deles.”

738, b) - Mas, nem por isso as vítimas desses flagelos deixam de o ser.

“Se considerásseis a vida qual ela é e quão pouca coisa representa com relação ao infinito, menos importância lhe daríeis. Em outra vida, essas vítimas acharão ampla compensação aos seus sofrimentos, se souberem suportá-los sem murmurar.”

Venha por um flagelo a morte, ou por uma causa comum, ninguém deixa por isso de morrer, desde que haja soado a hora da partida. A única diferença, em caso de flagelo, é que maior número parte ao mesmo tempo.

Se, pelo pensamento, pudéssemos elevar-nos de maneira a dominar a Humanidade e abrangê-la em seu conjunto, esses tão terríveis flagelos não nos pareceriam mais do que passageiras tempestades no destino do mundo.

Morte de parentes próximos

“Por que meu Deus?” é frase dita por muitos de nós diante da morte de um parente próximo. Aceitamos tudo menos que os nossos parentes retornem à pátria espiritual, quando isso ocorre Deus torna-se injusto. Atitude altamente egoísta, pois estamos esquecendo que as outras pessoas que morrem também possuem parentes, só que nesses casos achamos tudo muito justo.

Mortes de crianças e jovens



Essas mortes, a de crianças e jovens, são as que mais tocam as pessoas, que, muitas vezes, não se conformam com a partida delas. Sempre acham que a interrupção da vida é uma coisa ruim, o que ninguém poderá afirmar, pois não sabemos o que fariam elas se continuassem a viver entre nós. Se tivermos mesmo confiança em Deus, devemos aceitar que isso foi o melhor para elas, sob o ponto de vista espiritual.

199. *Por que tão freqüentemente a vida se interrompe na infância?*

“A curta duração da vida da criança pode representar, para o Espírito que a animava, o complemento de existência precedentemente interrompida antes do momento em que deveria terminar, e sua morte, também não raro, constitui *provação ou expiação para os pais.*”

Suicídio



Em relação aos vários tipos de morte esse é o pior deles. Não temos o direito de retirar a nossa vida, pois ela pertence a Deus. Se aqui estamos reencarnados é porque temos sérios compromissos perante as leis divinas, cuja misericórdia nos impele ao caminho do nosso progresso espiritual. Por maiores que sejam os problemas, as dores e os sofrimentos, nada se compara ao que espera um suicida após a morte.

Em nossa programação reencarnatória nenhuma coisa foi programada que não pudéssemos passar, já que Deus não colocaria em nossos ombros peso que não fôssemos capazes de carregar, por isso não devemos nos desanimar diante das dificuldades do dia-a-dia.

Pelo que a literatura espírita nos diz, também é considerado suicídio quando, por exemplo, não cuidamos de nosso corpo físico, maltratando-o com vícios ou excessos além do que poderia suportar, não lhe combatendo as doenças, etc. Aqui embora não tenhamos a intenção de cometer o suicídio, o fazemos por meio indireto, já que devemos fazer de tudo para manter nosso corpo em perfeito funcionamento, evitando qualquer coisa que possa comprometê-lo nesse aspecto.

957. Quais, em geral, com relação ao estado do Espírito, as conseqüências do suicídio?

“Muito diversas são as conseqüências do suicídio. Não há penas determinadas e, em todos os casos, correspondem sempre às causas que o produziram. Há, porém, uma conseqüência a que o suicida não pode escapar; é o *desapontamento*. Mas, a sorte não é a mesma para todos; depende das circunstâncias. Alguns expiam a falta imediatamente, outros em nova existência, que será pior do que aquela cujo curso interromperam.”

Comenta Kardec:

A observação, realmente, mostra que os efeitos do suicídio não são idênticos. Alguns há, porém, comuns a todos os casos de morte violenta e que são a consequência da interrupção brusca da vida. Há, primeiro, a persistência mais prolongada e tenaz do laço que une o Espírito ao corpo, por estar quase sempre esse laço na plenitude da sua força no momento em que é partido, ao passo que, no caso de morte natural, ele se enfraquece gradualmente e muitas vezes se desfaz antes que a vida se haja extinguido completamente. As consequências deste estado de coisas são o prolongamento da perturbação espiritual, seguindo-se à ilusão em que, durante mais ou menos tempo, o Espírito se conserva de que ainda pertence ao número dos vivos.

Comenta Kardec:

A afinidade que permanece entre o Espírito e o corpo produz nalguns suicidas, uma espécie de repercussão do estado do corpo no Espírito, que, assim, a seu mau grado, sente os efeitos da decomposição, donde lhe resulta uma sensação cheia de angústias e de horror, estado esse que também pode durar pelo tempo que devia durar a vida que sofreu interrupção. Não é geral este efeito; mas, em caso algum, o suicida fica isento das conseqüências da sua falta de coragem e, cedo ou tarde, expia, de um modo ou de outro, a culpa em que incorreu. Assim é que certos Espíritos, que foram muito desgraçados na Terra, disseram ter-se suicidado na existência precedente e submetido voluntariamente a novas provas, para tentarem suportá-las com mais resignação. Em alguns, verifica-se uma espécie de ligação à matéria, de que inutilmente procuram desembaraçar-se, a fim de voarem para mundos melhores, cujo acesso, porém, se lhes conserva interdito. A maior parte deles sofre o pesar de haver feito uma coisa inútil, pois que só decepções encontram.

Comenta Kardec:

A religião, a moral, todas as filosofias condenam o suicídio como contrário às leis da Natureza. Todas nos dizem, em princípio, que ninguém tem o direito de abreviar voluntariamente a vida. Entretanto, por que não se tem esse direito? Por que não é livre o homem de por termo aos seus sofrimentos? Ao Espiritismo estava reservado demonstrar, pelo exemplo dos que sucumbiram, que o suicídio não é uma falta, somente por constituir infração de uma lei moral, consideração de pouco peso para certos indivíduos, mas também um ato estúpido, pois que nada ganha quem o pratica, antes o contrário é o que se dá, como no-lo ensinam, não a teoria, porém os fatos que ele nos põe sob as vistas.

Aborto



O aborto é um crime hediondo, já que à vítima sequer é dado o direito de defesa. O aborto é retirar do espírito sua possibilidade de evoluir e se harmonizar com as leis divinas.

Não raro os espíritos de abortados, por questões de extremado ódio, passam a perseguir os que lhe tiraram o direito à vida, causando sérios transtornos aos que não lhe deram a oportunidade de reencarnar. E se, por alguma coincidência, o encarnado for uma pessoa com sensibilidade mais aguçada, aí os transtornos serão maiores, podendo, em algumas situações, levar o encarnado ao suicídio.

358. *Constitui crime a provocação do aborto, em qualquer período da gestação?*

“Há crime sempre que transgredis a lei de Deus. Uma mãe, ou quem quer que seja, cometerá crime sempre que tirar a vida a uma criança antes do seu nascimento, por isso que impede uma alma de passar pelas provas a que serviria de instrumento o corpo que se estava formando.”

Eutanásia



**Eutanásia: 1 - Morte serena, sem sofrimento;
2. - Prática, sem amparo legal, pela qual se busca abreviar, sem dor ou sofrimento, a vida de um doente reconhecidamente incurável. (Dic. Aurélio).**

A ninguém é dado o direito de tirar a vida de uma pessoa a não ser em legítima defesa, mas mesmo neste caso, maior mérito terá quem não tirar a vida de ninguém. Por outro lado, uma doença incurável de hoje, poderá ser curável no dia imediatamente seguinte, fora os casos que “essa doença não é para morte”, conforme Jesus afirmou de Lázaro e Deus permite que se restabeleça a saúde de acordo com os méritos do doente.

Cremação



Fora o risco de algum espírito acordar na hora que seu corpo estiver queimando e achar que está no inferno, não há problema algum.

A única coisa que se pede é esperar um período de 72 horas (Emmanuel).

Com o progresso da humanidade isso haverá se ser coisa natural no futuro, que, se olharmos pelo aspecto de saúde pública, é mesmo o melhor a ser feito.

Colocar a vida em risco



Algumas mortes acontecem porque o indivíduo em busca de muita “adrenalina” coloca a sua vida em risco.

Normalmente pessoas assim, pensam que elas são isentas de qualquer risco, como se nada pudesse acontecer a elas mesmas. Uma morte dessa forma pode ser traumática ao espírito, que no mundo espiritual percebe que já passou para o outro lado, coisa que nem pensava que lhe fosse acontecer.

Não resta dúvida que os que agem dessa forma estão se comprometendo perante a justiça divina, já que tal atitude pode muito bem ser comparada a um verdadeiro suicídio, apesar de não haver a intenção de passar para o lado de lá.

Considerando que a grande maioria dos espíritos recém-desencarnados normalmente acompanham do plano espiritual o seu próprio velório, podemos imaginar o que sentirá diante de tanta balbúrdia no momento do seu velório. Via de regra, os que lá vão, pouco estão se importando com a situação do desencarnado mantendo todo o tipo de conversas, desde as sobre assuntos do cotidiano, indo para o futebol, negócios, mulheres (ou homens), etc. E não faltam os que ficam elogiando as qualidades do morto, já que é praxe considerar-se bonzinho todos os que morrem.

Pena de morte

Com o elevado índice de criminalidade é comum encontrarmos pessoas que defendem ardorosamente a pena de morte a todos os criminosos. Engano pensar que isso vai resolver a questão, já que o espírito que ainda não atingiu um certo grau de moralidade ao desencarnar aí mesmo é que não irá adquiri-lo, já que seremos no mundo espiritual igual a que éramos por aqui, quando vivos. A morte não dá asas de anjo a ninguém.

A pena de morte é um crime perante as Leis de Deus, por mais que os homens permitam esse dispositivo penal em suas leis. Na verdade, está se cometendo um crime com o pretexto de se justificá-lo como medida para combater o crime.

Se pudéssemos fazer algo para moralizar um criminoso, deveríamos, isso sim, dar a ele “pena de vida”, para que vivendo mais que as outras pessoas pudesse ter tempo para repensar sobre a sua maneira de agir.

Não raro um criminoso que passou para o lado de lá, via pena de morte, passa a perseguir aos que julga responsáveis pela sua morte. Obsessões podem nascer de causas como essa.

760. Desaparecerá algum dia, da legislação humana, a pena de morte?

“Incontestavelmente desaparecerá e a sua supressão assinalará um progresso da Humanidade. Quando os homens estiverem mais esclarecidos, a pena de morte será completamente abolida na Terra. Não mais precisarão os homens de ser julgados pelos homens. Refiro-me a uma época ainda muito distante de vós.”

Sem dúvida, o progresso social ainda muito deixa a desejar. Mas, seria injusto para com a sociedade moderna quem não visse um progresso nas restrições postas à pena de morte, no seio dos povos mais adiantados, e à natureza dos crimes a que a sua aplicação se acha limitada. Se compararmos as garantias de que, entre esses mesmos povos, a justiça procura cercar o acusado, a humanidade de que usa para com ele, mesmo quando o reconhece culpado, com o que se praticava em tempos que ainda não vão muito longe, não poderemos negar o avanço do gênero humano na senda do progresso.

761. *A lei de conservação dá ao homem o direito de preservar sua vida. Não usará ele desse direito, quando elimina da sociedade um membro perigoso?*

“Há outros meios de ele se preservar do perigo, que não matando. Demais, é preciso abrir e não fechar ao criminoso a porta do arrependimento.”

762. *A pena de morte, que pode vir a ser banida das sociedades civilizadas, não terá sido de necessidade em épocas menos adiantadas?*

“Necessidade não é o termo. O homem julga necessária uma coisa, sempre que não descobre outra melhor. À proporção que se instrui, vai compreendendo melhormente o que justo e o que é injusto e repudia os excessos cometidos, nos tempos de ignorância, em nome da justiça.”

763. Será um indício de progresso da civilização a restrição dos casos em que se aplica a pena de morte?

“Podes duvidar disso? Não se revolta o teu Espírito, quando lêes a narrativa das carnificinas humanas que outrora se faziam em nome da justiça e, não raro, em honra da Divindade; das torturas que se infligiam ao condenado e até ao simples acusado, para lhe arrancar, pela agudeza do sofrimento, a confissão de um crime que muitas vezes não cometera? Pois bem! Se houvesse vivido nessas épocas, terias achado tudo isso natural e talvez mesmo, se foras juiz, fizesses outro tanto. Assim é que o que pareceu justo, numa época, parece bárbaro em outra. Só as leis divinas são eternas; as humanas mudam com o progresso e continuarão a mudar, até que tenham sido postas de acordo com aquelas.”

764. Disse Jesus: Quem matou com a espada, pela espada perecerá. Estas palavras não consagram a pena de talião e, assim a morte dada ao assassino não constitui uma aplicação dessa pena?

“Tomai cuidado! Muito vos tendes enganado a respeito dessas palavras, como acerca de outras. A pena de talião é a justiça de Deus. É Deus quem a aplica. Todos vós sofreis essa pena a cada instante, pois que sois punidos naquilo em que haveis pecado, *nesta existência ou em outra*. Aquele que foi causa do sofrimento para seus semelhantes virá a achar-se numa condição em que sofrerá o que tenha feito sofrer. Este o sentido das palavras de Jesus. Mas, não vos disse ele também: Perdoai aos vossos inimigos? E não vos ensinou a pedir a Deus que vos perdoe as ofensas como houverdes vós mesmos perdoado, isto é, *na mesma proporção* em que houverdes perdoado, compreendei-o bem?”

765. *Que se deve pensar da pena de morte imposta em nome de Deus?*

“É tomar o homem o lugar de Deus na distribuição da justiça. Os que assim procedem mostram quão longe estão de compreender Deus e que muito ainda têm que expiar. A pena de morte é um crime, quando aplicada em nome de Deus, e os que a impõem se sobrecarregam de outros tantos assassínios.”

Doação de órgãos



Muitos de nós deixamos de doar os órgãos com medo de “doer” ou que possam nos fazer falta no mundo espiritual.

Devemos nos conscientizar que no plano espiritual o nosso corpo é diferente desse, e só sofre pelas ações más que fizemos a nós e aos outros. Ações no bem, ao contrário podem ajudar a recuperação de alguma deformidade que porventura tenhamos no corpo perispiritual. Não há sentido algum deixar ir parar na boca dos vermes um órgão que poderá aliviar o sofrimento ou, quem sabe, salvar mesmo a vida de uma pessoa.

O sentimento de gratidão do receptor pode ajudar-nos no mundo espiritual, embora não deva ser esse o motivo para doarmos os nossos órgãos. Mas devemos fazê-lo por amor ao próximo, e, pensar que numa situação em que quem viesse a precisar de algum órgão fosse nós mesmo, para pecebermos o outro lado da moeda, que nunca devemos deixar de avaliar.

“Se o homem comum conseguisse deter o curso dos pensamentos de segunda ordem, durante alguns minutos por dia, de modo a refletir na grandeza da vida, sondando as realidades da morte, por certo evitaria as algemas do mal que o agrilhoam às recapitulações expiatórias”.

(Irmão Jacob)

Referências Bibliográficas:

XAVIER, F.C. *Voltei*, Brasília – DF: FEB, 1986.

SIMONETTI, R. *Quem tem medo da morte?*, Bauru, SP: Gráfica S. João, 1988.

KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, Brasília - DF: FEB, 1995.